

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Nicolas Villela de Castro

“TOCA RAUL!”: EXPRESSÕES MÚSICO-RELIGIOSAS EM RAUL SEIXAS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Erico Huff Junior.

Juiz de Fora

2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Nicolas Villela de Castro**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672183A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“TOCA RAUL!”: EXPRESSÕES MÚSICO-RELIGIOSAS EM RAUL SEIXAS**, desenvolvido durante o período de 30 de julho de 2018 a 27 de novembro de 2018 sob a orientação de Amaldo Erico Huff Junior, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Nicolas Villela de Castro

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

“TOCA RAUL!”: EXPRESSÕES MÚSICO-RELIGIOSAS EM RAUL SEIXAS

Nicolas Villela de Castro¹

RESUMO

Este trabalho visa discutir as relações entre música e religião, no âmbito da subjetividade da experiência religiosa. Parte-se do princípio de entendimento da expressão artística como um grito, uma amostra na externalidade das demandas existenciais humanas, um ato de apelo por seus sentimentos e desejos mais íntimos e pessoais, expresso através de uma linguagem definida carregada de símbolos. Nesse sentido, é possível delinear interações entre as expressões da experiência religiosa e da experiência artística, sendo possível compreender o fenômeno artístico musical com aspectos que interagem com o fenômeno religioso. O trabalho será desenvolvido com base na teoria da religião de Rubem Alves, que apresenta a religião como um artifício fim da essência humana, tocante ao mais profundo dos desejos pessoais, enquanto a mesma atua na dimensão imaginária dos seres humanos, o que extingue os limites objetivos da realidade, sendo possível o impossível. A música do artista baiano Raul Seixas nos servirá de fundamento para este estudo. Através de suas composições, discorreremos sobre a proximidade entre estes dois grandes fenômenos humanos, a música e a religião, buscando apresentar algumas das demandas religiosas do próprio compositor expostas em suas letras e possibilitando um diálogo entre os escritos de Rubem Alves e as músicas de Raul Seixas.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Música. Rubem Alves. Raul Seixas. Expressões.

1.OBSERVAÇÕES INICIAIS

1.1 COMO PENSAR RELIGIÃO?

A mística que perpassa as religiões parece bastante intrigante para a humanidade, principalmente às sociedades ocidentais, com o avanço das pesquisas científicas nos últimos séculos. Os estudos relacionados às religiões no mundo, em parte, limitaram suas perspectivas metodológicas a dados empíricos, a fim de alcançar uma verdade universal e factual. As análises empiristas propuseram buscar nas instituições religiosas os modelos sociais, hierárquicos, estruturais e seus trajetos históricos, para então definir o que é a religião.

Autores como Marx e Freud, por exemplo, apesar de exercerem grande influência na teoria da religião de Rubem Alves, e embora apresentem divergências em suas análises, equivalem-se na proposta do realismo: falam em nome da realidade concreta, a verdade única, de uma ciência livre dos valores e das emoções, baseada somente na razão. A religião para estes autores, nessa perspectiva do realismo, aparenta ser um problema, visto como uma fase infantil e primitiva dos seres humanos. Seria com o processo gradual do desenvolvimento racional, e com o “amadurecimento” do gênero humano, que a consciência seria emancipada, liberta dos males irracionais e ilusórios. Haveria, assim, a quebra das correntes que os alienam, não sendo mais necessária a presença da religião nas sociedades. Desse modo, a religião é vista como uma ilusão, isenta de razão, uma neurose, diria Freud, ou como Marx avalia, alienação. Então, para eles, a problemática religiosa viria a ser solucionada, ou seja, a religião deveria ser extinta.

Apesar de esta via do realismo racional, utilizado por Marx e Freud em suas obras que dialogam sobre religião², contribuir com o sentido de a religião ser uma criação humana e estar presente no imaginário da humanidade, ela irá divergir de algumas concepções adotadas por Rubem Alves em sua análise.

A imaginação e a liberdade de criação são as chaves para a compreensão de religião em Rubem Alves. A imaginação, porém, não é algo hostil como pensado por Freud, um sintoma de infantilidade, uma expressão de algo falso. A análise da imaginação é, aqui, como um dado primário da experiência humana, na qual os

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: nicolasvillela@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Erico Huff Junior.

² Referente, principalmente, aos livros “Crítica da filosofia do direito de Hegel”, de Marx (2010), e “O futuro de uma ilusão”, de Freud (2010); tb. Rubem Alves, “O suspiro dos Oprimidos” (2006).

pressupostos culturais e os princípios do prazer surgem. Não é ela oposta ao conhecimento real, mas sim, a probabilidade de que os limites do possível sejam mais extensos que os limites do real. É a força motora dos prazeres, onde estão os mais íntimos desejos humanos. “A imaginação é a consciência de uma ausência, a saudade daquilo que ainda não é, a declaração de amor pelas coisas que ainda não nasceram” (ALVES, P.19, 1979). A ausência é a demanda a ser preenchida nos sentidos humanos, assim, a imaginação, como a religião, é um ato de protesto contra os limites da objetivação da realidade. E aí que se coloca o enigma da religião, indicando a relação que conecta o ser com o mundo, assim como suas demandas existenciais, e de prazeres.

A questão que Rubem Alves nos apresenta em suas obras busca romper com as barreiras do realismo, elucidando não as estruturas e as instituições religiosas, mas a estética, os sentimentos, a essência religiosa inefável, o sentimento do belo, enfatizando a importância simbólica e subjetiva, pertencente à dimensão da experiência religiosa. A essência religiosa está para além da razão, encontra-se presente na força assumida pelo fiel para encarar e suportar seus sofrimentos existenciais, como apresenta Alves (1984).

Dessa forma, pensaremos a religião em forma de linguagem, é a maneira dos indivíduos falarem sobre o mundo, um horizonte buscado, o desvelar das ambições humanas. Ela é cultural³, feita na imaginação de um grupo de humanos, é: “teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza” (ALVES, 1984, p.22). Rubem Alves, em diálogo com FUERBACH, diz: “A religião é um sonho da mente humana. Através dela passamos a ver as coisas reais no fascinante esplendor da imaginação e do capricho, ao invés de o fazer sob a luz mortífera da realidade e da necessidade” (FUERBACH apud ALVES, 1979, p.15). E onde mais estariam os sonhos além da imaginação?

1.2 RAUL, ARTE E RELIGIÃO

No cenário musical brasileiro, em especial na cultura do rock, é indispensável a presença do artista Raul Santos Seixas. Nascido na Bahia em 28 de junho de 1945, o cantor e compositor dedicaria sua vida ao novo estilo musical que iria desenvolver, influenciando uma legião de fãs que ainda hoje ainda se manifestam em nome do artista, através de passeatas, tributos, livros, músicas e até bordões como o “toca Raul!” – que pode, inclusive, ser pensado como uma palavra de ordem, como aquelas utilizadas em manifestações políticas.

O legado deixado pelo artista desenvolveu uma legião de “raulseixistas”, motivados através de suas letras, que misturam um pouco de misticismo, política, filosofia e religião, em um estilo único de rock brasileiro, influenciado por vários artistas, de Elvis Presley a Luiz Gonzaga.

As letras de Raul Seixas, que carregam uma cosmovisão, constituem o motivo pelo qual muitos admiradores do artista foram “convertidos” ao “raulseixismo”. Leve-se também em consideração o contexto em que Raul escreve algumas de suas músicas, momento em que no cenário brasileiro as artes exercem um grande papel de resistência ao governo militar e os anos de chumbo, com uma forte influência dos movimentos de contracultura que vinham surgindo na década de 60 (BOSCATO, 2006, p.5). Segundo Boscato (2006, p.11), além dos aspectos listados acima, são marcos importantes para época as novas formas de espiritualidade que vinham emergindo, em especial no ocidente, com a busca de um reencantamento do mundo.

Conforme Alves (1979) a arte e a religião estão ligadas por seus significados. Ambas possuem a característica de nos deslocar de nosso cotidiano, em uma forma estética e lúdica que nos levam ao êxtase, abrindo horizontes ante os limites do real. Retiram-nos da “experiência do absurdo” - que é a característica do cotidiano no universo da ciência⁴- e nos retorna a um imaginário dotado de sentidos que cada coisa é por si, não um símbolo, mas uma significação.

As ausências de Raul, que por influenciar gerações amantes do Maluco Beleza, são também ressignificadas no imaginário de seus fãs.

A produção artística é, então, apresentada como uma externalidade, ela é a “...exteriorização da imaginação, uma objetificação do desejo.” (ALVES, P.82, 2006), uma expressão dos sentimentos de ausências. Rubem Alves já dizia que a música é como “...um sonho da mente humana, vagando.” (ALVES, P.165,2006). Em

³ Entende-se por: “A cultura, nome que se dá a estes mundos que os homens imaginam e constroem, só se inicia no momento em que o corpo deixa de dar ordens.” (ALVES, 1984, p.18)

⁴Segundo Alves (1979, p.53), no cotidiano se vive a experiência do absurdo, uma experiência que, com o olhar da perspectiva da realidade científica, limita-se aos dados brutos, em um universo que é fechado sobre si e autoexplicativo. É essa ciência um protesto contra a transcendência, apresenta lugares vagos de sentidos quando se olha para a eternidade, o sentido é exposto no aqui para o aqui, não se vai além. O oposto do que é em um universo teofânico, a linguagem que habita Deus é a linguagem sobre os sentidos.

outro momento, analisando a expressão religiosa, diz que “sonhos são as religiões dos que dormem. Religiões são os sonhos dos que estão acordados...” (ALVES, P.88.1984) entendendo os sonhos como a voz dos desejos.

2. O SENTIMENTO DE AUSÊNCIA RAULSEIXISTA

Os indivíduos mostram-se limitados por suas definições, sejam elas naturais ou não. Rubem Alves compartilha da concepção de Wittgenstein, que entende as várias formas de linguagem com suas limitações e defende que, por isso, elas definem os limites do universo de quem a utiliza, moldando os elementos dados no mundo à vontade humana. Assim, reduplicamos os dados postos a nós, “não é uma cópia do real, mas antes uma organização do mesmo” (ALVES, 2006, p.18), para que atue como a nossa memória social, uma forma de armazenar informações do passado e passar para as gerações futuras. Conforme Alves (2006, p.15), essa memória social está para o ser humano, assim como a memória biológica está para os animais.

Segundo Alves (1984, p.14), os animais ajustam suas limitações diferentemente dos humanos, eles adaptam seus corpos à natureza, ao passo que os humanos adaptam a natureza aos seus corpos, o animal é seu corpo, o humano tem seu corpo. Parece, assim, fácil acompanhar e projetar as perspectivas de vida dos animais, silenciosamente, as gerações futuras irão reproduzir os passos de seus antepassados, os castores construirão as represas, os tatus cavarão seus buracos-esconderijos, as abelhas suas colmeias..., o universo dos animais é uma estrutura fechada, não há brechas ou ausências a serem preenchidas para dar sentido ao seu universo. Porém, aos humanos isso é diferente, Rubem em uma de suas passagens escreve

Aqui está uma criança recém-nascida. Do ponto de vista genético ela já se encontra totalmente determinada: cor da pele, dos olhos, tipo de sangue, sexo, suscetibilidade a enfermidades. Mas, como será ela? Gostará de música? De que música? Que língua falará? E qual será o seu estilo? Por que ideais e valores lutará? E que coisas sairão de suas mãos? E aqui os geneticistas, por maiores que sejam os seus conhecimentos, terão de se calar. (ALVES, 1984, p.16)

Para os humanos o poder da criatividade e da imaginação os diferencia dos demais animais, tendem a organizar-se em sociedades, religiões e culturas. Tornam-se detentores de seu mundo e criadores de universos, mas o motivo que os consome para tais façanhas, Alves (1984, p.19) diz que é um mistério. Porém, é um aspecto que, como demonstra a antropologia, está presente nos mais diversos grupos humanos. Os humanos apresentam-se, assim, sem uma estrutura sólida de mundo, criam um universo e o adaptam à sua maneira, movidos por seus desejos. Desejo, para Alves (1984, p.19), é o sintoma da privação de algo que se anseia, uma ausência a ser preenchida.

Um dos principais aspectos da religião apresentado por Rubem Alves é o sentimento de ausência, tanto em relação ao universo dado, no aqui e agora, como também no universo criado na imaginação, o lugar que não se encontra fisicamente, a utopia⁵ imaginada. As ausências no pensamento de Alves são entendidas como tudo aquilo apresentado na forma de desejo mais íntimo e o indivíduo tem o desejo de sua presença.

Dessa forma, diz Alves (1984, p.22) que, os moldes técnicos e práticos das culturas são feitos pelas esperanças dos indivíduos, limitados ao universo dado. Assim: “... é justamente no ponto onde ele fracassou que brota o símbolo, testemunha das coisas ainda ausentes, saudade de coisas que não nasceram.” (ALVES, 1984, p.22). São os símbolos religiosos uma forma de projeção daquilo que se sente falta, que se tem saudade, uma aproximação do ser com o seu desejo de algo ausente.

Alves (1984, p.20) apresenta os indivíduos sendo seres de desejos, em suas palavras “Desejo é sintoma de privação, de ausência.” (ALVES, 1984, p.20), é o que Raul demonstra em sua música “*Coisas do coração*”, uma expressão de amor e desejo, dos quais parece estar sendo privado, está distante, e este clama por seu encontro, os anseia e lhes tem saudade.

“Quando o navio finalmente alcançar a terra
E o mastro da nossa bandeira se enterrar no chão
Eu vou poder pegar em sua mão
Falar de coisas que eu não disse ainda não

⁵ Utopia em Rubem Alves é apresentada no sentido usado por Mannheim como o “pensamento utópico”, o autor descreve “...pensamento que se move fora da lógica da sociedade presente.” (ALVES, P.168, 1979)

Coisas do coração!
Coisas do coração!”

Assim, estaria Raul em uma busca por sua ausência. Seja ela uma mulher amada, ou até outro ato de amor, que lhe aflore seus sentimentos de saudades e de nostalgia.

Sobre nostalgia, Raul apresenta-se com uma postura revolucionária, buscando sempre romper com ideias antigas que marcam os períodos passados, sempre em busca de inovações, intitula-se como uma eterna “metamorfose-ambulante”. Por isso podemos perceber duas faces da nostalgia, aqui, em questão, uma como aquela apresentada por Rubem Alves exposta no caráter religioso que traz o sentimento de desejo e através dos símbolos tenta suprir uma ausência. A outra pensada por Raul é um sentimento que contém a marca de um passado e que tenta perpetuar por gerações sem se tornar obsoleta, com um caráter conservador, é uma forma de limitação por algo novo, uma nostalgia que prende os indivíduos ao passado, é assim, contra o ideal predominante no pensamento do artista, a liberdade. Raul deixa explícito o protesto contra essa face da nostalgia em sua música “A verdade sobre a nostalgia”, onde escreve sobre o rock dos anos 50 que marcava a época. O artista buscava dar um passo à frente, reconhecendo toda a importância e a beleza dos “50”, como poesia, porém, queria ele mais dos “70”, com o sentimento, a expressão da contracultura, que lutava também pela liberdade individual. Assim, denuncia o sentimento de nostalgia imposto que não o permite ir além.

“tudo quanto é velho eles botam pr’eu ouvir
E tanta coisa nova jogam fora sem curtir
Eu não nego que a poesia dos 50 é bonita
Mas todo o sentimento dos 70 onde é que fica?”
(...)
“Na curva do futuro muito carro capotou
Talvez por causa disso é que a estrada ali parou
Porém, atrás da curva
Perigosa eu sei que existe
Alguma coisa nova
Mais vibrante e menos triste”

Adiante, na mesma música, o artista afirma ir fazer o que gosta, diferente do cenário que reproduzia os “50”, mesmo quando seus pais mantinham essa nostalgia privativa antiga. Raul enxerga que além “da curva do futuro” há algo de bom, que deve ser buscado, para ele é necessário ultrapassar essa curva perigosa para obter o avanço “mais vibrante e menos triste”.

É possível reconhecer que esse avançar além da curva, para Raul, é uma de suas ausências. Além do conteúdo expresso na música “A verdade sobre a nostalgia” que é a mudança dos artistas dos anos 50 pelos 70, a ausência está na parte interna do conteúdo dos 70, no avanço que tinha que surgir ultrapassando as barreiras dos 50. Visava Raul um novo horizonte.

A ideia de mudança e afronte ao *status quo* vemos constantemente em outras músicas do artista. Estão presentes, nesse aspecto de mudança, a contestação de uma realidade única, o desejo de renovação e busca de coisas novas, tanto sobre as ideias, como para as posturas. Uma das músicas mais conhecidas do artista fala sobre sua existência enquanto ser, que vive de constante mudança, em meio a um dilema socrático⁶ reconhecendo sua ignorância sobre as coisas.

“Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo”

⁶ Explícito em sua celebre frase “Só sei que nada sei”, em uma livre tradução.

O horizonte raulseixista é um trajeto de transformações, metamorfoseia-se suas opiniões sobre tudo. Sua música “Maluco beleza” apresenta outro aspecto do artista, nela está exposto o julgamento contra a normalidade. Para ele é fácil seguir esse horizonte justamente por não ter desvios que fogem da expectativa, enquanto não há um padrão de normalidade.

“Enquanto você
Se esforça pra ser
Um sujeito normal
E fazer tudo igual
Eu do meu lado
Aprendendo a ser louco
Um maluco total
Na loucura real

Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez
Vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza”

Parece que Raul teve uma concepção sobre a verdade e realidade próxima à que Rubem Alves nos fala. Para Raul a verdade absoluta é digna de desconfiança. O cantor ilustra essa sua visão no trecho de sua música “As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor”.

“Eu já passei por todas as religiões
Filosofias, políticas e lutas
Aos 11 anos de idade eu já desconfiava
Da verdade absoluta”

Rubem Alves (1992, p.32) afirma que a sabedoria estaria à disposição da loucura. Por ser a verdade apresentada por máscaras, encontra-se fora do conhecimento próximo da normalidade familiar, da palavra que a pronuncia, está a verdade não no som da palavra, mas no seu silêncio. Considerando, assim, estaria Raul Seixas no caminho da sabedoria, ao passo do controle de sua “maluquez” misturada com sua “lucidez”, que lhe permite através de sua desconfiança, tentar ver além das máscaras que cobrem a face da verdade.

3. O HORIZONTE RAULSEIXISTA

A espiritualidade de Raul Seixas era mais próxima à dos thelemitas, uma religião que anuncia a nova era, o novo Éon de Hórus ou a Era de aquário. A religião Thelema é baseada no *Liber Al vel Legis* (Livro da lei) escrito em 1904 por Aleister Crowley, o profeta que anunciara o fim de uma era marcada pelo sofrimento e o início de uma nova que traria aos humanos a liberdade. A liberdade individual é a principal ideia contida na religião, conforme os princípios thelemicos “Todo homem e toda mulher é uma estrela”⁷, são únicos, e assim, é incitado aos seguidores da religião a busca da vontade pessoal, de ser cada um seu próprio guia, cada ser humano deve ter autonomia sobre si mesmo, para que assim possam seguir os seus próprios caminhos. Para eles, o “Amor é a lei, amor sob vontade”⁸, e não deveria haver outra lei que prevaleça senão o amor sob vontade. Proclamam os thelemitas em uma de suas principais epígrafes, “Faze o que tu queres deverá ser o todo da Lei”⁹, o todo, dessa forma, pode ser amado sob as circunstâncias da vontade, não há restrições ao amor, de maneira que a “palavra de Pecado é Restrição”¹⁰, sendo o pecado a restrição de qualquer coisa que possui a natureza tendenciosa à repressão da vontade.

⁷ Tópico 3, Disponível em: <<http://www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon/livros/al-o-livro-da-lei>> acesso em: 21/11/2018.

⁸ Tópico 57, *idem*.

⁹ Tópico 40, *idem*.

¹⁰ Tópico 41, *idem*.

Raul demonstra estes pensamentos como constantes em suas composições. As músicas “Sociedade alternativa” e “Novo Aeon” demonstram mais claramente estes lemas thelemitas. Nelas o artista utiliza da linguagem religiosa do Thelema para transmitir sua mensagem, porém adaptando suas letras com o intuito de ser melhor compreendido pelo seu público alvo, pois a maioria de seu público não foi iniciada na religião e, para que, assim suas mensagens sejam melhor disseminadas.

Na música “Sociedade alternativa” o cantor glorifica ao novo modelo de sociedade que estaria por vir, com as características presentes da nova era anunciada pelo profeta Crowley, como a liberdade individual e o princípio de ser o todo da lei, como descrito no *Liber Al vel Legis*.

Se eu quero e você quer
Tomar banho de chapéu
Ou esperar Papai Noel
Ou discutir Carlos Gardel
Então vá!
Faz o que tu queres
Pois é tudo
Da Lei! Da Lei!
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa...

Do mesmo modo, Raul Seixas anuncia a nova era que vem surgindo através da música “Novo Aeon”. Nessa música, é posta a mudança das eras, e os sinais que vem sendo apresentados, anunciando o novo Aeon.

O sol da noite agora está nascendo
Alguma coisa está acontecendo
Não dá no rádio e nem está
Nas bancas de jornais

A anunciação da nova era é assim feita nos moldes sociais e das ideias que cobrem as sociedades. A luta pelo desenvolvimento individual do ser humano também é exposta nas letras da música Novo Aeon. No momento em que a melodia se cessa, onde até então se mostrava em um ritmo alegre e agitado, apresenta um clima de protesto individual e expressão da vontade do cantor, um apelo ao horizonte vislumbrado pelos seguidores de tais ideais. E, com uma voz agressiva, Raul expõem as ideias da liberdade e da vontade.

Sociedade alternativa
Sociedade novo Aeon
É um sapato em cada pé
É direito de ser ateu
Ou de ter fé
Ter prato entupido de comida
Que você mais gosta
É ser carregado, ou carregar
Gente nas costas
Direito de ter riso e de prazer
E até direito de deixar
Jesus Sofrer

A sociedade alternativa apresenta um novo momento da vida, um momento de exercício de liberdade, tornando os indivíduos mais livres para viverem conforme suas vontades, vontades estas, baseadas sob as circunstâncias thelêmicas, e sem nenhuma estrutura hierárquica que assume o poder de controle dos indivíduos.

Rubem Alves (1999, p.79) analisa o “princípio dos prazeres” apresentado por Freud. Para Freud é o princípio do prazer uma busca instintiva do ser a procura da felicidade, porém é ilusória e destinam-se ao fracasso, por chocar-se com o princípio da realidade, ou seja, as esferas cotidianas presentes tanto nas leis da natureza, quanto nos arranjos institucionais dos humanos. Alves reforça a colisão entre o princípio do prazer e o da realidade, mas atribui ao humano a rebeldia contra a realidade, o protesto contra o universo posto a ele, sabe-se dos seus sofrimentos e recusa-se a aceitar os fatos dados, que são atribuídos à “realidade”.

A busca dos prazeres é a fonte para os desejos e as ausências que estão contidos no imaginário religioso. Assim, tratando da subjetividade e da individualidade de cada ser, Seixas anunciava “Se você não está dentro da sociedade alternativa, a sociedade alternativa sempre esteve dentro de você”, como uma representação do direito individual de cada ser humano ir para o encontro de seus sonhos.

4. A PRESENÇA DE DEUS NAS AUSÊNCIAS DE RAUL

4.1 PENSANDO DEUS

O primeiro passo para este capítulo é pensar o significado do termo Deus. Não pretendemos fazer um entendimento de Deus ligado aos dogmas tradicionais religiosos, assim como os teólogos dos mais variados segmentos do cristianismo o fazem. Partiremos do entendimento de Deus como um símbolo religioso, designado para preencher o vazio existencial do ser humano no mundo natural e sobrenatural. Deus, nesse sentido, é sentimento estético que liga os indivíduos com o mundo, nas suas duas esferas de relações, no universo dos fatos dados e no universo de mistérios. E, por ser um símbolo religioso, está intrinsecamente carregado de ausências e desejos. “Deus é este coração fictício que o desejo inventou, para tornar o universo humano e amigo.” (ALVES, 1984, p.94), pois, quando os humanos se tornam “amigos” do universo, os princípios da realidade que negam seus desejos são camuflados e, através da imaginação, os desejos tomam voz e lhe trazem sentimentos de poder.

A relação entre estes dois mundos, o sagrado¹¹ e o profano, Eliade (1992, p.14) apresenta como duas formas de ser no mundo, são maneiras de comportamentos assumidos através da cosmovisão dos humanos de determinada cultura, e através dessa relação moldam-se as suas vivências. Os seres criam os deuses, e por vezes são capazes de ressignificar esse sentimento, dando novos sentidos e novos espaços para a presença do sagrado, de acordo com a experiência vivenciada, pois, como diz Alves (1979, p.28) são os símbolos religiosos as expressões das experiências de vida. Os deuses, assim, estão em eterna mudanças, metamorfoseiam-se de acordo com as demandas humanas, são clamados onde os limites dos seres humanos devem ser transpostos, como nos problemas existenciais, vivem nos estratos do mundo dos mistérios. Assim, muitos autores se preocuparam sobre a morte de Deus, porém segundo Alves (1979, p.50), é ele ressignificado em novos modos, e “...aqueles que dantes eram considerados os assassinos de Deus passaram a ser citados como seus profetas” (ALVES, 1979, p.50). À medida que o desaparecimento dos aspectos do “antigo Deus” aumenta, novos vem aparecendo, modificando aquele primeiro, surgindo um “novo Deus”.

Na visão de Alves (1979, p.51) comungando com Bonhoeffer sobre o cristianismo, a morte de Deus é feita pelo novo Deus vivo, que propriamente assassina o antigo, é ele a derrocada de um falso ídolo. Esse novo Deus é uma ressignificação, apresenta-se como um artifício, a fim de preencher os vazios onde o conhecimento humano ainda não alcançou, portanto, apresenta-se “o paradoxo de que a ausência de Deus é a única forma de sua presença e sua morte, a única expressão de sua vida” (ALVES, 1979, p.51), somente na falta de um Deus ídolo-tirano, que se faz a presença de um Deus vivo, uma nova linguagem surge, adaptada ao mundo de quem lhe pronuncia.

O acesso a esses deuses é através da fé como um estado do ser, “Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente.” (Tillich, 1985, p.5), algo divergente da concepção de ser a fé uma opinião. Podemos assim, vincular o incondicional com os desejos, e são eles próprios que irão guiar os seres humanos no mundo, definindo suas ações e concepções mundanas.

4.2 OS ASPECTOS DO SAGRADO

A relação de Raul Seixas com Deus, apresentada em suas músicas, pode ser percebida e vinculada com o pensamento apresentado na teoria de Rubem Alves. O artista baiano prezava por uma sociedade alternativa, com grandes influências nas ideias anarquistas. Raul, assim como Rubem, pregava contra o

¹¹ Note-se que o sagrado não deve ser relacionado apenas a entes sobrenaturais e a deuses, mas entendido como um mundo divergente ao profano, um universo que adota outra perspectiva da realidade além do mundo natural, profano. O mundo sagrado se faz presente por manifestações em oposições ao profano, Eliade (1992, p.13) irá chamar esses atos de hierofania. Torna-se presente em algo, como objetos, elementos naturais, ou até encarnações, a presença sagrada, uma revelação. Assim, é “...a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’.” (ELIADE, 1992, p.13).

tradicionalismo religioso e, segundo defende BOSCATO (2006, p.9), dentro do movimento da contracultura estaria o artista disposto a um anarquismo espiritual. Dessa forma, o Deus apresentado por Raul não está vinculado a nenhuma face de um Deus vinculado aos dogmas de alguma vertente religiosa, estaria mais disposto a um símbolo individual do próprio artista, presente no seu próprio ego, como descreve em sua música “Eu sou egoísta”

Se você acha que tem pouca sorte
Se lhe preocupa a doença ou a morte
Se você sente receio do inferno
Do fogo eterno, de Deus, do mal
Eu sou estrela no abismo do espaço
O que eu quero é o que eu penso e o que eu faço
Onde eu tô não há sombra de Deus

A ausência da “sombra de Deus” revela o modo que Seixas via o divino na concepção das vertentes tradicionalistas e dogmáticas vinculadas as instituições religiosas, assim como na outra versão apresentada da mesma música que substitui o “Onde eu tô não há sombra de Deus” para “Onde eu tô não há bicho-papão¹²”, para ele não há sombras daquele velho Deus tradicionalista, ele próprio seria a “estrela no abismo do espaço”, o que caracterizava o individualismo subjetivo pregado na organização que Raul chegou a se associar, a O.T.O (Ordo Templi Orientis), uma organização thelemita.

As faces do sagrado em Raul aparecem como duas, há aquela contida nos discursos tradicionalistas sacralizados por igrejas e instituições, que perpassam no imaginário de gerações, e outra que aparenta ser mais subjetiva ao entendimento próprio e pessoal de cada humano, uma face voltada à introjeção individual. Através do caráter demoníaco do sagrado, Raul apresenta

Diabo!
O diabo usa capote
É Rock! É Toque! É Forte!
Diabo!
Foi ele mesmo
Que me deu o toque...

Enquanto Freud
Explica as coisas
O diabo fica dando toque...

Existem dois diabos
Só que um parou na pista
Um deles é do toque
O outro é aquele do exorcista...

Na música “Água viva”, Raul descreve uma bela fonte, estranha (ao seu entendimento?) e que detém a força de exercer a sua essência ainda que sob a escuridão da noite.

Eu conheço bem a fonte
Que desce daquele monte
Ainda que seja de noite

Nessa fonte tá escondida
O segredo dessa vida
Ainda que seja de noite

"Êta" fonte mais estranha
Que desce pela montanha

¹² Através dessa outra versão, vemos a analogia de Deus com o bicho-papão. Seria ambos um artifício de amedrontamento aos humanos, uma face monstruosa ou demoníaca de uma fantasia imaginado dos próprios humanos. Raul denunciava, assim, o Deus ídolo-tirano, que depende do temor de seus fiéis.

Ainda que seja de noite

Sei que não podia ser mais bela
Que os céus e a terra bebem dela
Ainda que seja de noite

Sei que são caudalosas as correntes
Que regam céus, infernos, regam gentes
Ainda que seja de noite

Aqui se está chamando as criaturas
Que desta água se fartam mesmo às escuras
Ainda que seja de noite
Ainda que seja de noite...

Essa fonte que alimenta os céus e a terra, regando intensamente tanto os céus, como infernos e gentes, pode ser análoga a algo que através da imaginação os seres humanos criam uma essência incondicional, que rege e mantém as estruturas que circundam a vida humana, nas dimensões terrestres e imaginadas. Assim como Deus é pensado, esta fonte se mantém em meio à escuridão da noite, na dimensão obscura ao conhecimento humano. Pode ser esta, uma fonte que alimenta os prazeres e os desejos da vida humana. Em uma outra música Raul exclama, ainda em relação à fonte:

Veja!
Não diga que a canção
Está perdida
Tenha fé em Deus
Tenha fé na vida
Tente outra vez!

Beba! (Beba!)
Pois a água viva
Ainda tá na fonte
(Tente outra vez!)
Você tem dois pés
Para cruzar a ponte
Nada acabou!
Não! Não! Não!

Beber a água viva ainda presente na fonte, portanto, é ter fé em Deus e na vida. É assim como a água viva presente em João, capítulo 4, versículo 14, anunciada por Jesus à mulher Samaritana, uma água que lhe permite estar sempre saciado pela ausência da água, é ela uma fonte para eternidade. A água viva, dessa forma, para Raul, apresenta relações com o Deus vivo, citado por Alves. Seria ela um símbolo para as ausências que Raul trazia consigo, uma forma de expressar poeticamente seus desejos, possibilitando-se, ainda, usufruir da magia que imaginação e a religião lhe permite. É assim, querer assumir a coragem de ser, como pensada por Tillich (1992, p.7).

O processo da experiência religiosa, no seu princípio, traz consequências emotivas diante da familiaridade dos sentidos do mundo físico no cotidiano, há uma desestruturação nos processos cognitivos, um abalo nas redes de significados previamente adotados. Conforme Alves (1979, p.76), nesse primeiro momento de desestruturação a experiência religiosa implica a angústia, um sentimento de abalo emocional onde não temos direções ou reações que levam a saídas de um acidente, como é no medo. “Na angústia a consciência toma consciência de que os seus fundamentos são destituídos de fundamentos. O fenômeno da angústia, assim, abre as janelas do ontológico” (ALVES, 1979, p.77) E nesse outro jeito de conceber as coisas, na questão ontológica, o humano abre-se para uma nova realidade, tem-se outros conhecimentos sobre as coisas, um novo mundo se dispõe para sua vida, começam a ter novas interpretações e significações diferentes de antes. Nesse novo mundo aberto, as realidades que antes aparentavam cordiais podem aparecer com seu lado ameaçador. Conforme Rubem Alves (1979, p.77) nesse momento a vergonha se faz presente, “vergonha é a emoção que

anuncia o meu desconforto aos olhos do outro” (ALVES, 1979, p.78) pois a partir da experiência que revela um novo conhecimento, diz Alves

É necessário esconder-se da Presença. Surgem os mecanismos de obscurecimento. "Quando ouviram a voz do Senhor Deus que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se por entre as árvores do jardim". Não é por acidente que a consciência religiosa tem insistido em representar Deus como o grande olho. O divino metamorfoseia-se no demoníaco: o abandono livre à vida se transforma na consciência da radical negatividade que se esconde e se revela na existência. "Onde estás?" Ele respondeu: "Ouvi a tua voz no jardim, e porque estava nu, tive medo e escondi". Resposta que é um esconder-se: mentira. Por que a nudez, que dantes não causava embaraço, agora provoca o medo? Mudou a nudez? Mudou o paraíso? Mudou Deus? A resposta revela uma metamorfose: o homem já não via o mundo com os mesmos olhos.
(ALVES, 1979, P.78)

Na música “Paranóia” de Raul Seixas, há o dilema próximo da consciência da presença de Deus. A postura do indivíduo em seus atos cotidianos torna-se tomada por sentimento de medo e de vergonha, pois sabe-se que está sob vigia constante, apesar de não ver seu observador.

Quando esqueço a hora de dormir
E de repente chega o amanhecer
Sinto a culpa que eu não sei de que
Pergunto o que que eu fiz?
Meu coração não diz e eu...
Eu sinto medo!
Eu sinto medo!

Se eu vejo um papel qualquer no chão
Tremo, corro e apanho pra esconder
Com medo de ter sido uma anotação que eu fiz
Que não se possa ler
E eu gosto de escrever, mas...
Mas eu sinto medo!
Eu sinto medo!

Tinha tanto medo de sair da cama à noite pro banheiro
Medo de saber que não estava ali sozinho porque sempre...
Sempre... sempre...
Eu estava com Deus!
Eu estava com Deus!
Eu estava com Deus!
Eu tava sempre com Deus!

Minha mãe me disse há tempo atrás
Onde você for Deus vai atrás
Deus vê sempre tudo que cê faz
Mas eu não via Deus
Achava assombração, mas...
Mas eu tinha medo!
Eu tinha medo!

Vacilava sempre a ficar nu lá no chuveiro, com vergonha
Com vergonha de saber que tinha alguém ali comigo
Vendo fazer tudo que se faz dentro dum banheiro
Vendo fazer tudo que se faz dentro dum banheiro

Dedico esta canção:
Paranóia!
Com amor e com medo (com amor e com medo)

(...)

Raul descreve sobre a consciência da presença, que segundo Alves (1979, p.80), diferente da consciência da ausência, que causa a angústia, a consciência da presença pode causar medo. Na consciência da ausência, o sentimento de impotência do humano se faz primordial, já que na realidade onipotente não se apresenta respostas duras e concretas sobre os sentidos, ela está fora do alcance dos limites humanos, habitando somente no silêncio.

Desaparecem os horizontes, desaparecem as certezas, desorganiza-se o comportamento, inúteis as súplicas, inútil olhar para o futuro, inútil lutar. Só se ouve o silêncio, só se contempla o vazio, só se sente uma ausência. Chegamos a uma conclusão paradoxal. No seu primeiro momento, a experiência religiosa primordial, longe de ser uma visão de Deus, é o sentimento da dissolução do divino: morte de Deus, eclipse de Deus, ausência de Deus. É significativo que tanto no Paraíso quanto na Nova Jerusalém não haja templos. Num mundo divino não há lugar para a consciência religiosa. Somente sente a nostalgia religiosa ou aquele que foi expulso do Paraíso ou aquele que ainda não entrou na Nova Jerusalém. Consciência de uma Ausência. E a consciência da Ausência é mais terrível que a consciência da Presença. A consciência da Presença pode causar medo. Mas a consciência da ausência é a experiência da angústia. (ALVES, 1979, p.80)

Dessa forma, distinguem-se duas formas de consciências dispostas a nossa relação com o mundo, em uma problemática não apenas existencial, mas que intervém junto às formas e os complexos da vida humana no cotidiano. Estaria Raul, assim, preocupado com a presença desconfortável do desconhecido, já assumida agora uma nova consciência, adota uma postura defensiva derivado de um sentimento de intimidação, preocupado com seus atos por fim de suas consequências.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando a religião como o protesto humano contra as objetificações dos dados mundanos naturais e os limites que definem a realidade verdadeira, como feito por vias dos realismos científico e secular, que trabalham em nome da razão, vemos como a religião, enquanto espiritualidade subjetiva, atua de forma estética e como poder para os que nela expressam seus desejos e esperanças. Sua via poética e imaginária atribui ao crente, em uma relação lúdica, o caráter engenhoso de criação de sentidos e significados. Entrelaçam mundos sagrados com profanos, trazendo a sua vivência uma dupla jornada existencial, de um lado visível e bruta ligada aos dados naturais, enquanto, de outro, o mundo abre-se a uma fantasiosa jornada carregada de símbolos e significados. É nessa perspectiva, estética, lúdica, criativa e subjetiva, que podemos traçar as relações artísticas e religiosas, pois nelas os efeitos extáticos ocorrem, no esplendor da imaginação, que retorna os seres sonhadores, ainda que acordados, como diz Alves (1979, p.22), dotados de imaginação em relação ao outro mundo criado, para onde os sonhos conseguem se estender além dos limites dados à existência material, natural.

Os sonhos, assim expressados, são relicários íntimos, abrigam desejos, que conforme Alves (1979), são fruto das ausências, do que se tem saudade. É a fonte viva, o que toca a “preocupação incondicional”, como Tillich (1985 p.10) expõe. A saudade, portanto, é percebida não só como um retrato passado, mas também habita o futuro, um sinônimo de nostalgia, o sentimento que se sente somente quando está longe do seu objeto ou ato de amor, um sintoma de privação. Organiza-se, assim, estes sentimentos em um horizonte de busca, projetado pelos anseios incondicionais dos humanos que não conseguem ser realizados no plano do mundo cotidiano e profano. O acesso a esse mundo dedicado a estas paixões incondicionais dá-se através do estado de fé, utilizando das linguagens que atravessam os limites do realismo.

Não apenas na música, mas também em suas outras formas, as expressões artísticas, neste sentido, conferem externalidade aos desejos e horizontes do artista que as cria, e até, porque não, dos que admiram a

obra e a ela dão um significado subjetivo, na forma do símbolo¹³. Nossa proposta neste artigo, limitou-se, de certo modo, às letras expressas nas músicas do cantor Raul Seixas, porém, uma análise mais minuciosa poderia voltar-se para a música enquanto combinação de ritmos e harmonias, sem que houvesse ao menos um verso, como na música clássica e nas orquestras, que tanto admirava Rubem Alves.

Religião e música, portanto, para fora das concepções que prezam pelo realismo contemplativo, estão umbilicalmente ligadas. Suas relações estão nas expressões e nos efeitos na vida dos seres humanos, são como chaves que revelam novos mundos, a *ordo amoris*. São reveladores de desejos, ausências e horizontes, que, através do poder da criatividade imaginativa e lúdica, deslocam-se de um universo físico e bruto, sem muitos sentidos, a outro, como no sagrado e profano de Eliade (1992), vão ao encontro de produções de novos sentidos que estruturam as esperanças subjetivas. Os novos sentidos são criados, Rubem Alves cita Guimarães Rosa, quando se diz que “tudo é real porque tudo é inventado” (ROSA apud ALVES, 1992, p.61). É nessa “realidade” inventada, derivada dos frutos dos desejos e das ausências, que a religião e a música, poeticamente, surgem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem A. **O Enigma da religião**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- ALVES, Rubem A. **O Que é Religião**. 5º ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ALVES, Rubem. **O Poeta, o Guerreiro, o Profeta**. 1º ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ALVES, Rubem. **O Suspiro dos Oprimidos**. 6º ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOSCATO, Luiz Alberto de Lima. **Vivendo a Sociedade Alternativa: Raul Seixas no Panorama da Contracultura Jovem**. 2006. 260f. Tese (Doutorado em História) FFLCH/ USP, São Paulo, 2006.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM editores, 2010.
- FUERBACH, Ludwing. **A Essência do Cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. 2º ed. São Paulo: Boitempo, 2010.
- RAPOSO, Carlos. **Thelema - Uma Religião da Nova Era**. 2003. Disponível em: <<http://www.ippb.org.br/textos/especiais/mythos-editora/thelema-uma-religiao-da-nova-era>> Acesso em: 26 nov. 2018.
- SEIXAS, Raul. **Novo Aeon**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1975. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tbRrpJNitqU>> Acesso em: 26 nov. 2018.
- SEIXAS, Raul. **A Verdade Sobre a Nostalgia**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1975. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P6spBZgAVGU>> Acesso em: 26 nov. 2018.
- SEIXAS, Raul. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1974. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qOVey8NWtOo>> Acesso em: 26 nov. 2018.
- SEIXAS, Raul. **As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1974. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=izBUsaO5H4g>> Acesso em: 26 nov. 2018.
- SEIXAS, Raul. **Coisas do Coração**. São Paulo: Eldorado, 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=voR55QcpE3w> Acesso em: 26 nov. 2018.
- SEIXAS, Raul. **Eu Sou Egoísta**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w4o_NqD0HgM> Acesso em: 26 nov. 2018.

¹³ Podemos pensar, por exemplo, a chave da sociedade alternativa, empregada por Raul Seixas, que se torna, posteriormente, um símbolo para seus fãs, e que ainda hoje é com frequência utilizado em tatuagens, camisas, pôsteres, etc.

SEIXAS, Raul. **Maluco Beleza**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1977. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KobmJoCKKjY> > Acesso em: 26 nov. 2018.

SEIXAS, Raul. **Metamorfose Ambulante**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1973. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7VE6PNwmr9g> > Acesso em: 26 nov. 2018.

SEIXAS, Raul. **Paranoia**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1975. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DNhZ4HvCrA8> > Acesso em: 26 nov. 2018.

SEIXAS, Raul. **Rock do Diabo**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1975. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ooYkRnrGKns> > Acesso em: 26 nov. 2018.

SEIXAS, Raul. **Sociedade Alternativa**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1974. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=IZdbkC_yobU > Acesso em: 26 nov. 2018.

SEIXAS, Raul. **Tente Outra Vez**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1975. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=8OxlAOvAmZk> > Acesso em: 26 nov. 2018.

TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. 5° ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. 3°ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.